
RICOEUR LEITOR DE FREUD: NOTAS SOBRE A QUESTÃO DO SUJEITO EM FREUD

Weiny César Freitas Pinto

Resumo:

O artigo detém-se a um ponto específico da leitura que o filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) fez da Psicanálise freudiana em seu *De l'interprétation – essai sur Freud* (1965): a sua análise da questão do sujeito em Freud. Nossa hipótese é que há, em sentido geral, pelo menos dois aspectos fundamentais da análise que Ricoeur apresenta de Freud acerca da questão da subjetividade: o primeiro se refere à identificação da teoria psicanalítica como um discurso sobre o sujeito. Neste aspecto, a tese ricoeuriana é que a Psicanálise de Freud possui um discurso próprio sobre a subjetividade. O segundo trata da concepção deste sujeito do qual nos fala este discurso próprio da Psicanálise. Já aqui, a tese de Ricoeur é que a subjetividade em Freud é sempre aquela que não se crê, uma espécie de subjetividade às avessas, em nossos próprios termos. A fim de avaliar a hipótese que propomos, seguiremos a argumentação ricoeuriana a partir das noções de “dialética do freudismo” e de “estrutura de acolhida filosófica da Psicanálise” – a Fenomenologia de Husserl e o conceito de “arqueologia do sujeito” – para argumentar que a leitura que Ricoeur faz de Freud sobre a questão da subjetividade nos coloca diante de uma espécie *sui generis* de teoria do sujeito. Esta tese extrai do trabalho do filósofo sobre a Psicanálise, a sua contribuição, talvez, a mais decisiva: estaria Ricoeur, por meio do freudismo, nos falando de uma nova teoria da subjetividade? Ao que tudo indica, sim. Mas, nesse caso, de que sujeito, exatamente, se trata? De que subjetividade nos fala Ricoeur, leitor de Freud? Como se dá a constituição deste sujeito, quais suas características e o que, afinal, o torna, de forma efetiva, possível? É com o intuito de, pelo menos inicialmente, responder a essas questões que o presente artigo irá, portanto, apresentar algumas notas gerais sobre a questão do sujeito em Freud a partir da leitura ricoeuriana do freudismo.

Palavras-chave:

Filosofia, Psicanálise, Subjetividade.

Abstract:

*The article focuses on a specific point of the reading that the french philosopher Paul Ricoeur (1913-2005) did on freudian Psychoanalysis in his *De l'interprétation – essai sur Freud* (1965): its analysis on the issue of the subject in Freud. Our hypothesis is that there is, in a general sense, at least two fundamental aspects in the Ricoeur's analysis on Freud, regarding the subjectivity: the first refers to the identification of psychoanalytic theory as a discourse on the subject, in this respect, the Ricoeur's thesis is that Freud's Psychoanalysis himself has a proper speech on subjectivity; the second deals with the concept of this subject about which, supposedly, tells the discourse which is proper of the Psychoanalysis; whereas here, Ricoeur's thesis is that subjectivity in Freud is always the one that does not believe, a kind of “subjectivity in reverse” on our own terms. In order to evaluate the hypothesis that we propose, we argue from the dialectic of freudianism and the structure of philosophical acceptance of Psychoanalysis: the Phenomenology of Husserl and the concept of “archeology of the subject”, which Ricoeur's reading on Freud on the issue of subjectivity puts us forth a kind of a *sui generis* theory of the subject. This thesis extracts from the philosopher's work on Psychoanalysis, perhaps, its most decisive contribution: would Ricoeur, through freudianism, speaking to us about a new theory of subjectivity? Apparently, yes. In this case, what kind of subject is, precisely, it? What kind of subjectivity is Ricoeur talking about as a Freud reader? How is the constitution of this subject, what are their characteristics, which, after all, makes it effectively possible? It is with this intention of, at least initially, to answer these questions that this article will, therefore, present some general notes on the question about the subject in Freud, from Ricoeur's reading about the freudianism.*

Key words:

Philosophy, Psychoanalysis, Subjectivity.

Introdução

Autor de uma obra tão extensa quanto diversa, Paul Ricoeur registrou em sua trajetória filosófica uma fecunda interlocução com o pensamento de Freud. O livro *De l'interprétation – essai sur Freud*, publicação de 1965, é, certamente, o ponto mais evidente desse registro ¹.

Entre os vários temas e problemas abordados no texto sobre o freudismo, modo como o próprio Ricoeur designa o pensamento freudiano, o filósofo, na parte final do trabalho, apresenta, explicitamente, sua análise sobre a questão do sujeito em Freud. Em tese, segundo Ricoeur, a Psicanálise freudiana é, sim, portadora de um discurso sobre a subjetividade, embora, o sujeito em Freud seja aquele que jamais crê em si mesmo.

A análise desta tese, cujo o conteúdo principal é a concepção de sujeito oriunda da leitura ricoeuriana da Psicanálise de Freud, constitui-se, como sendo o objetivo principal deste artigo. No final, algumas observações gerais – “notas sobre a questão do sujeito” – darão termo ao nosso trabalho.

1. Subjetividade, Filosofia e Psicanálise

O tema do sujeito é, por si só, objeto de alta relevância filosófica. Retomá-lo a partir do quadro teórico da Psicanálise de Freud também o é, e a principal razão disso está no fato de que, entre as várias tradições conceituais da história da filosofia que foram tocadas pela “peste” freudiana, aquela que se desenvolveu em torno do conceito de subjetividade, o foi de maneira emblemática:

A incidência da Psicanálise no discurso filosófico interpelou este numa tradição teórica muito especial, a qual se centrava fundamentalmente na concepção de *sujeito*. Com efeito, a filosofia do sujeito foi questionada pela Psicanálise (...) na medida em que para ela o sujeito estaria sempre inscrito no campo da consciência e se enunciava no registro do eu, enquanto a Psicanálise formulou o *descentramento* do sujeito em ambos os registros citados. (...) (BIRMAN: 2003, 8. Grifo do autor).

¹ O ponto mais evidente, mas não o único. Sobre a permanência e alcance da presença de Freud no conjunto da obra de Ricoeur, ver Busacchi (2010); este autor defende que a confrontação de Ricoeur com o pensamento freudiano atravessa toda a obra ricoeuriana. Também Porré (2009) defende a mesma ideia chamando a atenção para o fato de que, não somente a Psicanálise de Freud, mas também a de Heinz Kohut (1913-1981) se faz sentir significativamente na obra ricoeuriana a partir dos anos oitenta.

É, sobretudo, a partir desse registro que o tema do “sujeito freudiano” passa a ser um problema relevantemente filosófico. E, embora haja numerosos trabalhos sobre o assunto, saber, exatamente, de quê subjetividade, afinal, nos fala a Psicanálise de Freud é, em nossa opinião, uma tarefa ainda a ser realizada. Neste ponto, portanto, concordamos integralmente com Monzani (1991, 136):

(...) Quem estudou seriamente a obra de Freud sabe perfeitamente que o conceito, ou melhor, a concepção de sujeito sofreu, nas suas mãos, uma transformação de monta. Mas o que significou isso? Destronamento do cogito e de seus privilégios? Em certa medida, sim. Ponto final e definitivo nas ‘filosofias da consciência’? Problemático, já que o próprio Freud afirmava que a consciência é o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda. Isso sem falar no famoso adágio. *Wo es war, soll ich werden*. Descentramento radical do sujeito e determinação pela instância do ‘outro’? Com certeza, sim. Mas o que significa exatamente isso? Qual o sentido dessa transformação e quais suas consequências? A bem da verdade, ainda não sabemos direito (...).

Nesse sentido, se a Psicanálise de Freud foi capaz de questionar com tanta radicalidade um conceito tão importante à tradição filosófica como é o conceito de subjetividade, já não é mais possível, sob qualquer que seja o pretexto, que o discurso filosófico simplesmente ignore a teoria psicanalítica. Ao que tudo indica, subjetividade, filosofia e psicanálise parecem, então, compor um programa de pesquisa no qual ainda há muito por fazer e é, por esta e por outras razões, que Freud, sem dúvida, “(...) continua sendo, para nós, filósofos, um interlocutor imprescindível e provocador” (MATTEO: 2002, 19).

Paul Ricoeur, enquanto filósofo, parece ter entendido bem este quadro e, definitivamente, não se furtou à provocação freudiana; se empenhou na compreensão do freudismo e tornou-se um exímio leitor de Freud.

2. Ricoeur leitor de Freud

Em 1965, Paul Ricoeur publicou o texto *De l'interprétation – essai sur Freud*². A obra, já quase cinquentenária, é bastante extensa e divide-se em três livros: “Problemática”³, “Analítica”⁴ e “Dialética”⁵. Ela é composta por três conferências

² Por razões didáticas, mencionarei esta obra partir daqui somente como: *De l'interprétation*.

³ Dividido em três capítulos.

⁴ Dividido em três partes, somando nove capítulos.

⁵ Dividido em quatro capítulos.

realizadas na Universidade de Yale (EUA), em 1961, e oito na Universidade de Louvain (Bélgica) nos anos posteriores. No total, Ricoeur dedicou-se, pelo menos, cinco anos ao estudo sistemático dos textos de Freud.

Em termos gerais, o objetivo do *De l'interprétation* é a criação de uma interpretação filosófica de Freud. Ricoeur busca no freudismo o sentido filosófico da Psicanálise e, ao fazê-lo, se mostra aí um leitor minucioso dos textos freudianos, proporcionando-nos, assim, um amplo e aprofundado estudo sobre a Psicanálise.

Em termos mais precisos, o problema geral levantado por Ricoeur na obra se refere à consistência do discurso psicanalítico (Cf. RICOEUR: 1977, 12). Em torno desta problemática, o filósofo francês divide sua análise em quatro subproblemas: 1) “epistemológico”, 2) “reflexivo”, 3 “dialético” e, 4) “hermenêutico-filosófico”:

Em primeiro lugar, é um problema *epistemológico*: o que é *interpretar* em Psicanálise, e como a interpretação dos sinais do homem se articula com a explicação econômica pretendendo atingir a raiz do desejo? Em seguida, é um problema *reflexivo*: que *compreensão nova de si* procede dessa interpretação, e de que “si” se trata de compreender? Enfim, é um problema *dialético*: seria a interpretação freudiana da cultura exclusiva de qualquer outra? Se não é, segundo que regra de pensamento pode ser *coordenada com outras interpretações*, sem que a inteligência se veja condenada a só repudiar o fanatismo para cair no ecletismo? Essas três questões constituem o longo desvio pelo qual retomo com maior empenho o problema deixado em suspenso no fim de minha *Simbólica do Mal*, a saber, o da *relação entre uma hermenêutica dos símbolos e uma filosofia da reflexão concreta* (RICOEUR: 1977, 12. Grifo do autor).

Não é preciso muito esforço para perceber de imediato que o subproblema específico no qual se insere a questão do sujeito é o denominado por Ricoeur de “reflexivo”. No entanto, neste ponto, queremos chamar a atenção para o último subproblema, aquele chamado de “hermenêutico-filosófico”, cuja questão fundamental é saber como relacionar uma hermenêutica simbólica com uma filosofia da reflexão concreta.

Este subproblema é importante porque, além de constar na série de subproblemas a partir dos quais Ricoeur investiga seu problema maior em Freud, isto é, a consistência do discurso freudiano, ele contextualiza fundamentalmente o seu interesse pela Psicanálise⁶. Vemos isso com clareza na medida em que o subproblema “hermenêutico-filosófico” não é um problema novo para Ricoeur. Relacionar

⁶ Na verdade, em nosso entender, o subproblema “hermenêutico-filosófico” é o pano de fundo sobre o qual se desenvolve todos os outros problemas investigados na leitura que Ricoeur fez de Freud. Em uma palavra, este subproblema, de algum modo, atravessa todas as análises do *De l'interprétation*.

hermenêutica simbólica e filosofia da reflexão não é, em absoluto, um problema que surge ou se dá, originalmente, a partir do *De l'interprétation*, assim como são, por exemplo, os outros três subproblemas: epistemológico, reflexivo e dialético. No caso do problema “hermenêutico-filosófico”, trata-se mesmo de um problema que é anterior à obra sobre Freud; e, talvez, justamente, o problema que tenha levado Ricoeur ao estudo mais sistematizado da Psicanálise.

De fato, a relação entre hermenêutica e reflexão é um problema ao qual Ricoeur já havia se deparado em sua “Filosofia da vontade”, notadamente, em sua *Simbólica do mal* (1960)⁷. A questão de saber como relacionar símbolo e reflexão – problema “hermenêutico-filosófico” – pode ser tomada, portanto, como um dos pontos de chegada da “Filosofia da vontade” ricoeuriana e, ao mesmo tempo, como o ponto de partida para a “Filosofia da Psicanálise” realizada por Ricoeur.

Como esclarece o próprio filósofo, a sua interpretação filosófica de Freud deve ser compreendida como um *long détour*, a via longa pela qual ele “retoma com maior empenho” aquele já conhecido problema “hermenêutico-filosófico”. A Psicanálise de Freud é, portanto, uma espécie de “longo desvio” ao qual Ricoeur se submete para retomar, depois, um problema já estabelecido anteriormente.

Nesse sentido, somos colocados diante de um importante aspecto da leitura ricoeuriana da Psicanálise. A noção de “desvio” – *long détour* – proposta aí pelo próprio Ricoeur para caracterizar e justificar o seu trabalho sobre Freud não pode passar sem a devida atenção porque, ao final, o que ela parece indicar é que o *De l'interprétation* é, antes de tudo, a retomada de um problema, e, este aspecto sozinho já é suficiente para nos fornecer, pelo menos, três indicações determinantes acerca do contexto da obra, a saber: 1) que a questão principal do *De l'interprétation*, em que pese os variados e importantes problemas aí analisados, epistemológico, reflexivo e dialético, não é outra, senão, “retomar com maior empenho”, o problema da relação símbolo e reflexão; 2) que a ida de Ricoeur a Freud não se dá em razão de mero modismo da filosofia francesa nos anos sessenta, antes, se fundamenta em um sólido e consistente projeto filosófico já

⁷ “Filosofia da vontade”: menção relacionada às obras de 1950: *Philosophie de la volonté I: le volontaire et l'involontaire*; e 1960: *Philosophie de la volonté II: Finitude et culpabilité I: l'homme faillible / Finitude et culpabilité II: La symbolique du mal*. A título de informação: o projeto de uma “filosofia da vontade” é a primeira expressão sistemática da obra de Ricoeur na qual o filósofo já dialoga aí explicitamente com a psicanálise de Freud, sobretudo quando inscreve a noção de inconsciente como uma das figuras do involuntário.

anteriormente existente; e, 3) que Ricoeur reconhece a relevância filosófica da Psicanálise, o que se expressa no modo respeitoso e atento com o qual o filósofo lida com os textos freudianos, ele não se apropria indiscriminadamente dos conceitos psicanalíticos, como talvez muitos filósofos fizeram e o façam, o que, em última análise, nos faz concluir que Ricoeur foi a Freud porque reconheceu na Psicanálise o âmbito, o “desvio”, o *long détour* necessário mais adequado para acolher a retomada de seu antigo problema⁸.

A natureza, as implicações e as consequências específicas da retomada do “problema hermenêutico-filosófico” no *De l'interprétation* são, sem dúvida alguma, questões de grande importância para a compreensão do desenvolvimento do pensamento geral ricoeuriano. No entanto, devemos, agora, a partir das indicações acima, concentrarmo-nos na análise da questão do sujeito.

3. A questão do sujeito em Freud segundo Ricoeur

Definida a questão principal do *De l'interprétation*, bem como as suas implicações decorrentes, isso não significa, entretanto, que os outros problemas aí encontrados – epistemológico, reflexivo e dialético – sejam de menor importância. Em tese, conceber a interpretação filosófica de Freud como um “longo desvio” implica também reconhecer que o estudo feito por Ricoeur dos textos freudianos, de forma tão respeitosa e habilidosa, resultou em um significativo e criterioso conjunto de análises no qual se encontra uma variedade enorme de temas filosóficos relacionados diretamente com o universo particular da Psicanálise freudiana.

Dentre essa significativa variedade temática, pretendemos deter-nos a um tema específico: a questão do sujeito em Freud. Esse tema é tratado pela análise feita por Ricoeur no interior daquilo que ele chamou de “subproblema reflexivo”, ou seja, objetivamente, trata-se aí da análise da consistência do discurso freudiano tomado em sua problemática reflexiva, cuja questão fundamental é assim formulada por ele:

⁸ Poder-se-ia mesmo perguntar: Mas por que, exatamente, a Psicanálise? Considerando a enorme erudição de Ricoeur é perfeitamente possível pensar que o “problema hermenêutico-filosófico” pudesse ser retomado em quaisquer outros domínios. Entretanto, foi o pensamento de Freud que Ricoeur escolheu como o “desvio” para a retomada de seu problema. Controvérsias à parte, isso só certifica ainda mais o quanto Freud e sua Psicanálise são interlocutores importantes para a reflexão filosófica e o quanto Ricoeur jamais negligenciou este aspecto.

(...) será que a desapropriação da consciência em proveito de outro núcleo de sentido pode ser compreendida como um *ato de reflexão*, até mesmo como o primeiro gesto da reapropriação? (RICOEUR: 1977, 55. Grifo do autor).

Se pudéssemos radicalizar a questão a formularíamos do seguinte modo: será que o discurso freudiano pode ser compreendido como uma reapropriação da consciência, isto é, como uma filosofia da reflexão? Aqui, estamos já, diante da linha mestra que guiará toda a análise de Ricoeur sobre a questão do sujeito em Freud, no *De l'interprétation*.

Portanto, o tema da desapropriação/reapropriação da consciência é o que, fundamentalmente, vai guiar toda a interpretação ricoeuriana do sujeito na Psicanálise. Se, de um lado, o discurso freudiano desapropria a consciência – até aqui, a que tudo indica, não há nenhuma novidade! –; de outro, trata-se de questionar e fazer ver se, em última análise, esse mesmo discurso, não pode ser tomado como uma reapropriação da consciência efetiva, aquela anterior à ilusão do *cogito*. Aqui, talvez, uma novidade originalmente ricoeuriana: a Psicanálise de Freud é considerada como um discurso de reapropriação da verdadeira consciência possível.

Como quer que seja, o objetivo principal da análise de Ricoeur sobre a questão do sujeito em Freud é demonstrar que o discurso freudiano, de algum modo e em alguma medida, opera uma reapropriação da consciência; certamente, não da consciência do *cogito*; talvez, em termos mais adequados, daquela consciência primeira que advém mais propriamente do *sum*.

Mas, de qual modo e em qual medida, exatamente, a Psicanálise opera essa reapropriação? Como o discurso freudiano conduz-nos, afinal, a essa consciência do *sum*? 1) por meio da “dialética do freudismo”, uma dialética que Ricoeur enxerga na metapsicologia freudiana; e, 2) na medida em que se estabeleça uma “estrutura filosófica” de acolhida da Psicanálise: a Fenomenologia de Husserl e o conceito fenomenológico de “arqueologia do sujeito”.

a. A dialética do freudismo

Ricoeur defende que há uma dialética presente na metapsicologia de Freud apoiando-se na hipótese de que a obra freudiana detém, sobretudo em seu plano teórico, certo “movimento filosófico” (Cf. RICOEUR: 1977, 346). A rigor, um movimento

ignorado e até mesmo recusado pelo próprio Freud, mas nem por isso, inexistente, segundo o filósofo francês.

A tese de Ricoeur, resumidamente, é a seguinte: do ponto de vista filosófico, a Psicanálise de Freud aparece, inicialmente, como uma “antifenomenologia”, uma *epoché* invertida: não trata da redução “à” consciência, mas de uma redução “da” consciência. Isso se dá, explica o filósofo, na medida em que a Psicanálise estabelece, principalmente, a partir do conceito de inconsciente, que o ponto de vista da consciência é um ponto de vista falso, um “*cogito* ilusório”, dirá Ricoeur. Ocorre aí, nessa antifenomenologia de *epoché* invertida, um deslocamento do foco de significações: a consciência deixa de ser o fundamento originário do sentido. Nessa etapa, que Ricoeur denomina de “descentramento/destomada da consciência”, a noção filosófica clássica de consciência/sujeito⁹ sofre um terrível golpe: o *cogito* passa de fundamento a mero efeito, instaurando-se aí uma verdadeira “desolação fenomenológica”. A este propósito Ricoeur afirma: “(...) Nasceu um problema novo: o da mentira da consciência, da consciência como mentira” (RICOEUR: 1978, 87).

No entanto, essa “desolação fenomenológica”, a consciência como mentira, em suma, a Psicanálise como antifenomenologia, não serão definitivas. Segundo a interpretação ricoeuriana, a antifenomenologia da Psicanálise é, somente, o momento inicial da concepção de um processo que não se restringe à pura e simples redução “da” consciência. Ricoeur defende que, ao termo de sua tarefa, essa antifenomenologia apontará, em última instância, para um aprofundamento mesmo da consciência.

Em outros termos, isso quer dizer que o deslocamento do foco de significações que a Psicanálise realiza é radical, mas a radicalidade desse deslocamento não se encontra, ao final, simplesmente em um foco de significações deslocado. Antes, a radicalidade mesma desse deslocamento está no fato de que ele conduz, a seu termo, a uma ressignificação interpretativa do sentido. Em tese, Ricoeur afirma de forma categórica: “(...) o movimento de destomada da consciência não é separado da tarefa de reapropriação do sentido na interpretação (...)” (RICOEUR: 1977, 346). Ou seja, para o filósofo, tão importante quanto admitir que a Psicanálise seja uma crítica radical à

⁹ Noção da tradição filosófica moderna cujas principais referências são Descartes, Kant e Hegel.

consciência é não negligenciar o sentido da radicalidade dessa crítica, que, em última análise, não é outro, senão, o do aprofundamento mesmo da consciência¹⁰.

Afinal, o que, definitivamente, a Psicanálise faz a partir de seus modelos é nos fornecer uma “consciência melhor”:

(...) uma consciência descentrada de si, despreocupada, ‘deslocada’ para a imensidão do Cosmos por Copérnico, para o gênio móvel da vida por Darwin, para as profundezas tenebrosas da Psique por Freud. A consciência se amplia a si mesma ao descentrar-se sobre seu Outro: Cosmos, Bios, Psique. Ela se encontra perdendo-se; descobre-se, instruída e clarificada, ao perder-se, narcísica. (RICOEUR: 1978, 131).

Em última análise, é, portanto, para essa “consciência melhor”, não narcísica, “instruída” e “clarificada” que, segundo Ricoeur, a Psicanálise aponta e garante. E como ela o faz? Justamente a partir daquilo que o filósofo enxergou como sendo o “móvel filosófico” da metapsicologia freudiana que não consiste em outra coisa senão em uma verdadeira dialética do freudismo: o “descentramento/destomada da consciência” – a antifenomenologia de *epoché* invertida da Psicanálise –, coextensivo, à “reapropriação do sentido na interpretação” – ressignificação interpretativa do sentido.

Em uma palavra: a antifenomenologia de *epoché* invertida da Psicanálise – destomada/descentramento da consciência – converte-se, dialeticamente, em ressignificação interpretativa do sentido – reapropriação do sentido na interpretação. Assim, chegamos aqui ao principal ponto sobre o qual se apoia a tese ricoeuriana da dialética do freudismo.

A rigor, a primeira consequência considerável dessa tese de Ricoeur aponta para a sua hipótese mais geral de que Freud, ao construir o plano teórico da Psicanálise, a metapsicologia, não conseguiu fazê-lo, como talvez tenha desejado e assim o mostra através dos conceitos mais naturalistas de sua teoria, sem que seu discurso se transformasse, também, em um discurso sobre o sentido. Neste aspecto, a implicação mais imediata da tese ricoeuriana é clara: trata-se de defender, explicitamente, que a Psicanálise de Freud é, sim, um discurso do sentido, uma “semântica do desejo e da cultura” como, de forma recorrente, insistirá o filósofo. Em termos bem precisos, o que está em questão aqui é nada menos que o tema da teleologia do freudismo: proposta

¹⁰ Sobre este aspecto, Ricoeur chama a atenção para o fato de que a crítica operada pela Psicanálise à consciência é muito mais uma crítica às pretensões da consciência que à consciência em si mesma. Cf. RICOEUR: 1978, 130.

ricoeuriana segundo a qual a finalidade última da teoria psicanalítica de Freud seria reestabelecer o sentido de si ao homem e à cultura. Em outras palavras, o freudismo operaria no nível da consciência de si o que o espírito absoluto hegeliano teria operado no nível da história. É a partir deste entendimento que Ricoeur (1978, 91) pode afirmar de forma tão explícita que: “(...) A Psicanálise não se interessa por um inconsciente incognoscível (...)”; isto é, que ela existe, senão justamente para fornecer “sentido” às manifestações do inconsciente; ou seja, em último caso, é para trazer à consciência o “sentido” das pulsões, que a Psicanálise se constitui como um campo de conhecimento.

Mas, outra consequência importante da tese ricoeuriana da dialética do freudismo é que esta “reapropriação do sentido” possibilitada pela Psicanálise só ocorre em razão mesmo do “descentramento da consciência” que a teoria freudiana opera. Ora, só há a necessidade de uma “reapropriação do sentido” porque, antes, um sentido outro foi desapropriado, algo se perdeu: aquela consciência do *cogito* foi expulsa de sua centralidade pelo conceito de inconsciente, algo de fundamental foi alterado no processo de criação de sentido e o sujeito precisa, então, se interrogar agora sobre a sua identidade e destino. Afinal, o que é, ou deve ser, a consciência, princípio da teoria da subjetividade clássica, quando o sentido não mais se reconhece originariamente nela? Se a consciência não é mais o núcleo originário do sentido, qual é, agora, a origem do sujeito?

Se seguimos bem a linha do pressuposto ricoeuriano defendido acima – de que a Psicanálise, em última análise, aponta para uma “reapropriação do sentido” –, o que temos aqui é a necessidade de revisar o conceito filosófico de consciência/sujeito. Em outras palavras, a concepção do freudismo como um “discurso do sentido” implica imediatamente em uma reavaliação de nossa compreensão sobre o que é e como se constitui o sentido, ele mesmo.

A novidade é que, ao fim desse processo de revisão ou reavaliação, se ele se realiza a partir da dialética proposta por Ricoeur no interior da metapsicologia freudiana, o sentido do “descentramento” da consciência/sujeito que a Psicanálise opera aparecerá ressignificado, pois ele terá se convertido em “aprofundamento” mesmo da consciência/sujeito.

b. A “estrutura filosófica” de acolhida da Psicanálise: a Fenomenologia de Husserl e o conceito de “arqueologia do sujeito”

Além da “dialética metapsicológica”, a reapropriação do sentido operada pela Psicanálise depende também da determinação de um *locus* filosófico para o freudismo, um *topus* no qual a originalidade do pensamento freudiano possa ser acolhida no interior do pensamento filosófico¹¹. Em uma palavra, para o filósofo, é a Fenomenologia de Husserl e o conceito de “arqueologia do sujeito” que devem cumprir o papel de acolher filosoficamente o pensamento freudiano. A esse respeito, Ricoeur é, extremamente, claro e direto. Ele busca na Fenomenologia de Husserl, mais precisamente em suas *Meditações cartesianas*, “(...) a estrutura filosófica que deve acolher a problemática freudiana, isto é, onde essa possa ser pensada e refletida” (RICOEUR: 1977, 344). Segundo o filósofo, a partir das *Meditações cartesianas* de Husserl é possível “(...) proceder a uma repetição de estilo reflexivo de toda a metapsicologia freudiana” (RICOEUR: 1977, 345). E quando se trata, especificamente, da análise da questão do sujeito em Freud, Ricoeur não deixa dúvidas: “(...) o lugar filosófico do discurso analítico é definido pelo conceito de arqueologia do sujeito” (RICOEUR: 1977, 343).

Objetivamente, para o filósofo, se trata aí de afirmar que o freudismo deve ser “pensado” e “repetido reflexivamente” no interior das *Meditações cartesianas* de Husserl. Repetir reflexivamente a metapsicologia de Freud no interior da Fenomenologia é, justamente, demonstrar como a dialética do freudismo realiza o descentramento do sentido na Psicanálise. Mas, que sentido novo a Psicanálise possibilita com este descentramento? Precisamente, o sentido arqueológico. Em tese: pensar e repetir reflexivamente a metapsicologia freudiana no interior da Fenomenologia de Husserl nos conduz ao sentido arqueológico da consciência/sujeito.

¹¹ Sobre a necessidade de um *locus* filosófico para a Psicanálise, se trata de um tema problemático: Por que, exatamente, o freudismo necessitaria de uma estrutura de acolhida filosófica? Monzani (1991) é um crítico dessa postura inveterada de se ler Freud a partir de estruturas externas ao próprio texto freudiano. Este autor argumenta que o resultado final desse tipo de trabalho é sempre uma leitura equivocada do freudismo na medida em que o submete a uma estrutura de significação que não lhe é própria. Nesse caso, somos obrigados a pensar como é possível que a leitura ricoeuriana de Freud, embora baseada em uma estrutura filosófica, não caia no erro advertido por Monzani. Tarefa difícil e ainda a realizar-se. Sobre a tese da autonomia do pensamento freudiano ver Monzani (1989).

De modo mais específico, o próprio Ricoeur estabelece assim o conceito de “arqueologia do sujeito”:

(...) passando a um nível propriamente filosófico, nos perguntaremos se uma filosofia da reflexão pode explicar conceitos realistas e naturalistas que, na teoria freudiana, regulam essa teoria *sui generis*. O conceito diretivo dessa etapa *reflexiva* será o de *arqueologia do sujeito*. Não é um conceito elaborado pela própria psicanálise; é o conceito que o pensamento reflexivo forma para proporcionar uma base filosófica ao discurso analítico. Ao mesmo tempo, o próprio pensamento reflexivo se modifica integrando o discurso de sua própria arqueologia; de reflexão abstrata começa a tornar-se reflexão concreta. (RICOEUR: 1977, 282. Grifo do autor).

Nesse caso, na medida em que a “hermenêutica dos símbolos”, passando pelo “longo desvio” do freudismo, se relaciona com a “filosofia da reflexão” por meio do conceito de “arqueologia do sujeito”, o problema da inscrição do discurso freudiano em uma filosofia reflexiva – *i.e.*, como um discurso que descentraliza e reapropria a consciência – parece encontrar aqui a sua solução. De fato, segundo Ricoeur, é precisamente esse conceito que liga a Psicanálise de Freud à filosofia da reflexão e a torna, finalmente, concreta (Cf. RICOEUR: 1977, 373).

A implicação mais imediata do conceito de “arqueologia do sujeito” é a concepção da Psicanálise como uma arqueologia da subjetividade, uma busca regressiva pelo sujeito que, ao menos neste ponto, ao contrário da fenomenologia hegeliana, por exemplo, se põe em marcha a partir da hipótese, segundo a qual, o lugar onde o sujeito se encontra é, antes de tudo, em uma *arché* e não em um *telos*¹².

Nesse sentido, a partir do conceito de “arqueologia do sujeito”, a Psicanálise de Freud é especialmente concebida como uma marcha regressa, um caminho para trás cujo destino último é a *arché* da subjetividade. Nesse caso, segundo Ricoeur, diferentemente das vias utilizadas pela tradição filosófica moderna – Descartes, Kant e Hegel – que, em última análise, sempre buscaram a subjetividade em “figuras” teleológicas, seja da Razão, seja da Crítica, seja do Estado, a busca do sujeito, em Freud, se dá em outra ordem, uma vez que se trata de fazer um caminho de volta, um

¹² Já sabemos que o modelo teleológico da fenomenologia de Hegel, tal como demonstrado anteriormente acima, também é levado em conta por Ricoeur em sua análise da questão do sujeito em Freud. Entretanto, no ponto ao qual estamos agora – precisamente nos referindo a apropriação ricoeuriana do conceito de “arqueologia do sujeito” – interessa-nos aqui, antes de tudo, evidenciar a clara e radical oposição entre o processo arqueológico proposto por esse conceito e o processo teleológico relativo à fenomenologia hegeliana. Nada de contraditório há quando sabemos que o trabalho de Ricoeur sobre Freud deve ser lido no terreno mesmo já conhecido do “conflito das interpretações”.

retorno ao passado por meio de “figuras” arqueológicas como, por exemplo, o Desejo, a Culpa e o Ego.

Contudo, mais do que isso, a “arqueologia do sujeito” proposta por Ricoeur em Freud, requer “um novo avanço do pensamento” cuja “inteligência do freudismo deve cumprir” (Cf. RICOEUR: 1977, 344): e é aqui, precisamente, neste ponto que o “caminho de volta” realizado pela Psicanálise se torna avanço!

Na leitura de Ricoeur sobre Freud, “caminhar para trás” é avançar na busca do sujeito, porque é buscá-lo naquilo que ultrapassa as progressivas pretensões ilusórias da consciência imediata e encontrá-lo na consciência que marcha humilhada em caminho regressivo rumo às suas mais profundas raízes.

Em tese, a “arqueologia do sujeito” é um avanço na busca da subjetividade porque, em última análise, no discurso *sui generis* freudiano, a *arché*, dialeticamente, se torna *telos*. A este respeito, Ricoeur (1978, 132) afirma categoricamente: “(...) Freud muda a consciência, mudando a consciência da consciência (...)”.

É, portanto, a transformação dialética desta “marcha regressa”, deste “caminho de volta” em “avanço do pensamento”, que caracteriza o principal aspecto do conceito de “arqueologia do sujeito” proposto por Ricoeur ao discurso freudiano sobre a subjetividade¹³.

Notamos assim que é por meio da Fenomenologia de Husserl, tomada como estrutura de acolhida do discurso freudiano, e do conceito de “arqueologia do sujeito”, tomado como “avanço do pensamento”, que Ricoeur garante a inscrição definitiva do freudismo num registro propriamente filosófico. Aqui, a questão inicial de saber como a Psicanálise de Freud opera uma “reapropriação da consciência”, fica, razoavelmente, respondida. Entretanto, resta ainda investigar, no que se refere, especificamente, à questão do sujeito em Freud, quais as implicações mais decisivas de toda essa *démarche* levada adiante por Ricoeur: que questão nova do sujeito depreende-se, exatamente, desse sentido arqueológico da subjetividade oriundo da reapropriação do sentido operada pela Psicanálise? Que noção de sujeito surge, afinal, da leitura ricoeuriana de Freud? Isto é o que veremos a seguir.

¹³ Arriscando-nos em uma hipótese, caberia examinar mais a fundo se, justamente, o conceito de “arqueologia do sujeito” não poderia ser tomado como uma espécie “arqueteleologia”! O significado preciso deste termo precisaria ainda ser fundamentado.

4. Notas sobre a questão do sujeito em Freud segundo Ricoeur

Precisamente há, pelo menos, dois aspectos fundamentais da análise que Ricoeur nos apresenta de Freud acerca da questão do sujeito: o primeiro se refere à identificação da teoria psicanalítica como um discurso sobre o sujeito. Neste aspecto, a tese de Ricoeur é que a Psicanálise de Freud possui um discurso próprio sobre a subjetividade. O segundo aspecto, por sua vez, trata da concepção deste sujeito do qual nos fala esse discurso próprio da Psicanálise, sendo que, neste caso, a tese ricoeuriana é que a subjetividade em Freud é sempre uma subjetividade que não crê em si mesma, uma espécie de sujeito às avessas, em nossos próprios termos¹⁴.

A legitimidade destes dois aspectos é assegurada pelo próprio Ricoeur (1977, 344), quando afirma, categoricamente que “(...) é um só e mesmo projeto compreender o freudismo como um discurso sobre o sujeito e descobrir que o sujeito não é jamais aquele que se crê”. Ora, não estamos aqui, justamente, diante daquele “avanço para trás” referente ao conceito de “arqueologia do sujeito”? De um lado o avanço: a Psicanálise tomada como um discurso sobre o sujeito; e, de outro lado o retrocesso: mas, o sujeito desse discurso não se crê.

Que a interpretação ricoeuriana da questão do sujeito em Freud parte da consideração da Psicanálise como portadora de um discurso próprio e legítimo sobre a subjetividade, disso nós já sabemos; contudo, isso não significa, segundo Ricoeur, que o discurso freudiano tenha sistematizado o tema do sujeito.

Para Ricoeur (1977, 344), não encontramos na Psicanálise um discurso tematizado sobre a subjetividade. Aliás, ao contrário, Ricoeur defende que Freud, em sua obra, ignora e recusa toda e qualquer problemática do sujeito ordinário. A rigor, não há aí nenhuma interrogação explicitamente radical ao sujeito do pensamento ou da existência, o que, para a análise ricoeuriana, se explica, justamente, por conta dessa espécie *sui generis* de subjetividade que o próprio discurso freudiano comporta: aquela espécie de sujeito que não se crê.

¹⁴ O termo “sujeito às avessas” será utilizado aqui como uma tentativa inicial de caracterizar a originalidade da concepção de sujeito oriunda da leitura ricoeuriana de Freud. Ele faz frente, especialmente, à noção de “inversão do sujeito”, uma formulação de Lacan, já bem estabelecida e bastante disseminada. O objetivo seria pensar a distinção e, talvez mesmo, a oposição das duas concepções de sujeito concebidas em Freud: a de Ricoeur e a de Lacan. Certamente, um desafio para outra oportunidade.

Segundo Ricoeur, é então exatamente esta fuga da afirmação, do originário ou de qualquer fundamento egológico que caracteriza e sustenta, sobremaneira, o discurso freudiano da subjetividade. Em síntese, dirá o filósofo: é, justamente, esta “fuga do *cogito*”, tão presente no discurso de Freud, que nos leva a perguntar pela questão do sujeito na Psicanálise (RICOEUR: 1977, 344).

Ou seja, é em decorrência da ausência mesma, em Freud, de uma tematização da subjetividade, que Ricoeur identifica a Psicanálise a um discurso próprio sobre o sujeito. E, se seguimos com atenção esta linha de raciocínio, somos levados a considerar que a análise ricoeuriana da questão do sujeito em Freud se apoia, fundamentalmente, em dois aspectos principais: o primeiro deles consiste naquilo que vimos insistindo desde o início de nossa argumentação, na concepção da psicanálise como um discurso próprio acerca da subjetividade. O segundo aspecto, este de ordem mais implícita, consiste na concepção de que este “discurso próprio do freudismo” sobre o sujeito é uma espécie *sui generis* de discurso, na medida em que se trata de uma abordagem da subjetividade que não assegura ao sujeito a sua autoconstituição.

Mas que espécie estranha de sujeito ou discurso sobre a subjetividade é essa? Como conceber que seja um discurso sobre o sujeito, justamente, um discurso que nega ao sujeito a sua autoconstituição? Estaria Ricoeur, por meio do freudismo, nos apresentando uma nova noção de subjetividade? Uma nova compreensão do sujeito? Tudo indica que sim; mas de que subjetividade, exatamente, se trata? De que sujeito, afinal, nos fala Ricoeur, leitor de Freud?

Antes de tudo, é preciso admitir que responder consistentemente a essas interrogações é, ao menos para nós, ainda uma tarefa a realizar-se. Contudo, considerando a argumentação que apresentamos, acreditamos ser possível, ao menos, indicarmos, inicialmente, três notas que podem contribuir para a compreensão dessas questões que compõem o conjunto maior da questão do sujeito em Freud, segundo Ricoeur.

a. Da “arqueologia do sujeito” ao “sum do cogito”

Se estivermos certos na análise que fizemos, o processo arqueológico da subjetividade, proposto por Ricoeur ao discurso freudiano, parece fornecer elementos

suficientes para se pensar uma nova “questão” do sujeito: o “avanço para trás” levado a termo por esse processo nos apresenta uma dialética entre *arché* e *telos* que, certamente, tem implicações decisivas na constituição desta “nova questão” da subjetividade. A dimensão destas implicações pode ser presentida diante daquilo que, fundamentalmente, a dialética desta arqueológica designa. Como dirá Ricoeur (1977, p. 367), trata-se de nada menos que, “(...) propriamente o *sum* do *Cogito*”; afinal, “(...) essa marcha regressiva (...) para o pré-significado e o insignificante seria insignificante, se não fosse apoiada numa problemática do sujeito (...)” (RICOEUR: 1977, 367).

Esta descoberta, assevera Ricoeur (1977, 367), não deixará intacta a noção própria que temos da subjetividade. Talvez, a transformação mais radical que a leitura ricoeuriana da questão do sujeito em Freud propõe à concepção geral que temos da noção de subjetividade seja, justamente, a necessidade e a possibilidade de, a partir de agora, conseguirmos pensar a figura do sujeito sem necessariamente a relacionarmos com a sua autoconstituição. Em outras palavras, a crítica ricoeuriana à noção clássica de sujeito é, na verdade, menos uma crítica à figura do sujeito, ele mesmo, que uma crítica direta e radical à representação imediata que a consciência faz de si. Utilizando o freudismo para levar essa crítica ao limite, Ricoeur, na contramão de seus contemporâneos, aponta não à morte do sujeito, mas à sua existência em outro registro constitucional: aquele a partir do qual a subjetividade não é mais o resultado da representação imediata da consciência e sim o esforço que a consciência faz para tornar-se um si mesmo; esforço este que inclui a autorecusa radical de qualquer espécie de autoconstituição.

b. Da “Psicanálise como um discurso próprio sobre o sujeito” à “consciência como tarefa”

Reconhecer na Psicanálise um discurso sobre um sujeito que não se crê, que não é seu próprio fundamento e, mesmo assim, identificá-la a um discurso próprio sobre a subjetividade implica, imediatamente, em uma revisão da compreensão clássica de consciência/sujeito, porque, nesse caso, trata-se aqui de uma consciência que aprendeu a lição de não mais se deixar levar pela ilusão de ser fundamento e origem. Em última análise, uma consciência que sabe que daqui pra frente, ela não é outra coisa, senão, tarefa.

Nas palavras do próprio Ricoeur (1978, 94): “(...) Tudo o que se pode dizer depois de Freud, sobre a consciência, parece-me estar incluído nessa fórmula: a consciência não é origem, mas tarefa (...)”.

É, certamente, em razão desta noção de “consciência enquanto tarefa” que vemos Ricoeur afirmar tão decididamente que a Psicanálise é, sobretudo, um eterno retorno à consciência (Cf. RICOEUR: 1967, 351).

c. Do “sujeito que não se crê” a uma “subjetividade às avessas”

Definitivamente, tudo parece mesmo indicar que, na leitura ricoeuriana da Psicanálise, a questão do sujeito em Freud ganha, de fato, contornos de uma nova teoria da subjetividade. Antes de tudo, o ponto central dessa nova teoria se fundamenta na concepção de um sujeito que se constitui ao assumir, por completo, a condição radical de incredulidade quanto a si mesmo – “um sujeito que jamais se crê”! Só isso já é, seguramente, suficiente para nos convencer que estamos diante aqui de uma nova compreensão ou um novo avanço do pensamento quanto à questão da subjetividade. Afinal, como conceber “um sujeito que não se crê”? De que modo tomar como sujeito, justamente, aquilo a que falta o elemento constituinte de qualquer possibilidade de subjetividade, a convicção, a certeza, a crença, a afirmação, etc.?

De fato, afirmar a constituição da subjetividade, justamente, na incredulidade do sujeito quanto a si mesmo, nem de longe se parece com qualquer lição das tradicionais filosofias do sujeito. A proposta ricoeuriana de uma noção de sujeito em Freud que se constitui, na exata medida mesma da negação radical da autoconstituição de si, talvez, possa ser mais bem compreendida por meio do que propomos chamar, enfim, de “subjetividade às avessas”¹⁵.

¹⁵ Notar mais uma vez que não se trata aqui de pensar em termos de “sujeito do inconsciente” ou “inversão do sujeito” – Lacan – no sentido de dissociar consciência e desejo opondo-os em dois polos radicalmente antepostos. Trata-se, antes e, sobretudo, de poder situar essa nova figura da subjetividade, talvez, no campo mesmo do exercício radical da suspeita; ou seja, a noção de “subjetividade às avessas” significaria, nesse caso, a concepção de um sujeito constituído na incredulidade de sua subjetividade, mas não na incredulidade de si mesmo; si mesmo que encontraria sua afirmação, enfim, não na ilusão do *cogito* e, tampouco, no inconsciente ele mesmo, mas no exercício efetivo e permanente de uma hermenêutica própria da suspeita. Esse ponto, certamente, mereceria mais reflexão; aqui, fica somente a indicação e a promessa de desenvolvê-lo em um trabalho futuro.

Conclusão

Tal como o concebeu Ricoeur, o discurso freudiano é sim, finalmente, uma teoria da subjetividade. Está claro para nós que a compreensão do sentido originário do sujeito sobre o qual nos fala essa teoria não está na clareza e evidência da representação imediata da consciência, mas é preciso admitir também que o fundamento deste sujeito não se encontra na obscuridão e indistinção, próprias ao regime do inconsciente. Antes de tudo, arriscamos aqui uma hipótese, trata-se mesmo é de uma teoria do sujeito que parece encontrar seu fundamento no exercício mesmo de uma elaborada e original hermenêutica da suspeita. Afinal, o quê, além da suspeita, poderia garantir ontologicamente o sujeito na confissão radical de sua completa inadequação? Por fim, na tentativa de apresentar mais claramente ainda esta suposta nova subjetividade que advém da leitura ricoeuriana da questão do sujeito em Freud terminaríamos por dizer que há algumas fórmulas ou termos do próprio Ricoeur que podem ser tomadas como descrições precisas deste novo conceito de subjetividade: sujeito que se põe, mas não se possui, sujeito hesitante, irresoluto, ferido, quebrado, partido, incrédulo, despossuído, sujeito inadequado. Tudo isso e mais, mas seja como for, e esta é, talvez, a grande novidade: é sempre um sujeito.

Referências bibliográficas:

- BIRMAN, Joel. **Freud e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BUSACCHI, Vinicio. O desejo, a identidade, o outro – a psicanálise em Paul Ricoeur depois do ensaio sobre Freud. In: RICOEUR, P. **Escritos e conferências I – em torno da psicanálise**. São Paulo: Loyola, 2010. (posfácio, p. 233-243).
- MATTEO, Vincenzo Di. A problemática do sujeito na segunda tópica freudiana. In: *Perspectiva Filosófica*. Recife, v. IX, n. 18, 2002, p. 1-20.
- MONZANI, Luiz Roberto. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., Bento (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 108-138.

- _____. **Freud: o movimento de um pensamento.** 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1989.
- PORÉE, Jérôme. La philosophie au miroir de la psychanalyse. In: Laval théologique e philosophique, v. 65, n. 3, p. 405-429.
- RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté I: le volontaire et le involontaire.** Paris:Aubier, 1950.
- _____. **Philosophie de la volonté II: finitude et culpabilité. 1. L'homme faillible, 2. La symbolique du mal.** Paris: Aubier, 1960.
- _____. **De l'interprétation - essai sur Freud.** Paris: Ed. du Seuil, 1965.
- _____. **Le conflit des interprétations - essais d'herméneutique.** Paris: Ed. du Seuil, 1969.
- _____. **Da interpretação – ensaio sobre Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. **O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica.** Rio de Janeiro: Imago, 1978.